

Nacionalização da arte brasileira.

por Theodoro Braga



ASSOU a rajada sanguinolenta que retrogradou a Europa civilizada, envolvendo o mundo inteiro no luto e na dor. Passou. Voltámos á paz novamente como victoriosos, da-que-la dolorosa luita. Cumpre agora que victorias, muito mais importantes

e vitaes para nós, não sejam permitidas a extranhos, dentro do nosso paiz. Entre os innumerados campos de acção, ainda pouco cuidados entre nós e para o qual deveremos, a todo transe, aproveitar esse alencado del'rio patriotico que tão rapidamente nos sacudiu e despertou, existe um onde com os magnifico collaboradores que possuimos, poderiamos obter incessantes victorias pacificas e nobilissimas — NA ARTE BRASILEIRA.

Para nacionalizal-a, como se faz mister quanto antes, preciso é, primeiramente, educar e instruir o nosso operariado, desde o inicio de seu aprendizado. Nenhum outro paiz possui, como o nosso, dois grandes e poderosos elementos com os quizes poderemos alcançar a victoria almejada: a intelligencia ductil do operario brasileiro e a riqueza inaudita e inesgotavel dos motivos sobre os quizes deve ser expandida essa intelligencia.

Para a consecução de esse ambicionado desideratum — produzir arte nacional por artistas nacionaes — basta que se orientem os institutos profissionais, de que o paiz está cheio, no rumo unico e por cujo motivo foram elles creados. Devem elles, antes de tudo, ser encarahados e regulamentados, como uma escola superior de ensino artistico-tecnico.

Para esse alto fim, de facil resultado, mas de energico e incessante trabalho ascencional, diario e intenso, é preciso por-se de parte a anemia moral que infelizmente cerca a vontade de quem trabalha, vencendo-a mesmo ás vezes. A vida actual pertence aos fortes de espirito. O indeciso, quer pela ignorancia, quer pelo atavismo, tem de ser, forçosamente, posto á margem, afim de não demorar a marcha dos que querem vencer. A escola profissional não é nem um manicmio, nem uma correção. Para educar o espirito no exercicio sobre de uma profissão liberal faz-se mister abstrahir de todo o piguismo e do afilhadimo. O Estado deve procurar, escrupulosando, entre os que querem, aquelles que são fortes de corpo e instruidos de espirito. A primeira condição para poder matricular-se na pleiade desses novos operarios que formarão amanhã a independencia das nossas obras artistico-profissionais é ter o diploma de estudos primarios; em seguida, ter a idade de 11 annos, gosando boa saude. Nestas condições a despesa feita pelo Estado será fatalmente e largamente recompensada pelo resultado obtido, formando um operario digno desse nome.

E justificam-se estas condições basicas e indispensaveis. Com effeito, uma escola profissional não é um jardim de infancia em que se acco'tem creanças analphabetas e terras; perde-se não só o tempo em ensinar o que elles deviam saber ao entrar, como lhes faltam força, vigor e iniciativa para ajudar ao mestre no momento da aprendizagem do officio escolhido. Como ensinar-se o officio de typographo a educandos analphabetos?

O Instituto Profissional é um curso superior de artes applicadas. Para que essas condições basicas sejam inatacaveis faz-se necessaria muita energia, afim de impedir, categoricamente, que a classica compaixão entubie o animo de quem o dirige.

Já é tempo de cuidar-se do operario nacional; educal-o afim de que um dia a sua intelligencia esteja dentro de sua obra e que esta represente alguma cousa de sua patria; que elle execute o que o seu espirito inventou e que a habilidade de suas mãos responda á delicadeza desse espirito creador. O Instituto será uma escola de vida intensa de luita, de trabalho e de preocupação espirital, unica forja onde se temperam a alma, o cerebro e o corpo.

Em cada officina deverá haver uma escola de desenho especializado para cada officio, impendendo-se portanto como base fundamental das mesmas officinas o desenho applicado. Nessa idade (11 annos) e guiado pelo mestre tecnico, não com essa maneira fria, e quasi inconsciente de quem é obrigado

a cumprir um dever de funcionario vitalicio, mas com o interesse de ver o seu pupilo produzir, o educando não tardará em querer trabalhar, querer fazer aquillo que o seu espirito viu e que, embora titubeante, graphou no papel, em suas proporções e detalhes. E' preciso que dessa immensa e rumberosa co'meça sa'ia, cada operario, senhor de seu officio, levando no seu cerebro um mundo infinito de cousas a produzir e umas mãos doces e agéis a desenharem e a formar as mil cousas desse mundo espirital. Victimas e escravizados pela sua propria ignorancia, os operarios, em sua maioria, nada produzem porque se lhes não ensinaram nem a LER e nem a pensar, dando assim o melhor logar ao estrangeiro; dahi a vida nulla do griheta acorrentado ao cerebro deste a que elles chamam: — CATALOGO. — e por cre'e vivem a vida artificial da copia de modelos que reproduzem sem espirito, sem intelligencia e, por isso mesmo, sem o minimo valor de arte. E, entretanto, já era tempo de tel-a nossa, muito nossa, a arte brasileira, inspirada na nossa flora esplendidamente bella e luxuriante e na nossa fauna exotica e descorhecida, typica e extravagante, sem precisar ir buscar, no infinito campo das combinações geometricas, novidades inesgotaveis e originaes.

O director de uma escola profissional tem que ser um tecnico, um conhecedor do desenho que, estudando o caracter dos educandos, possa guial-os nas officinas, explorando suas devidas. A elle compete ensinar, dirigindo os principiantes, aperfeicoando os adiantados, não permitindo senão a originalidade de concepção nos esboços das obras a executar, apurando o gosto de cada um, aproveitando as idiosyncrasias pessoas; só assim, expurgada a invasão do terrivel mal que nos tem atrophado o cerebro até agora — as copias de ruins catalogos estrangeiros — só assim poderemos iniciar a procura do nosso estylo nacional que os nossos selvicas descobriram e que nós civilizados desconhecemos. Compete ao director guiar os educandos na execução dos seus trabalhos, ao lado dos mestres, executar com elles, indicar como se deve VER uma obra acabada, sentil-a e descul-a em conjunto.

Não deixar essa idade de juvenure se amolecer no ocio, entada horas e horas, a cochilar, a dormir, a enganar, enquanto o precioso tempo das officinas passa rapido e insubstituivel. Quando conseguirmos fazer do proprio trabalho o recreio dos educandos, teremos então chegado ao começo do fim intellectual a que devem dedicar-se os institutos.

Outra magna questão, não menos capital e de difficil consecução, junta-se ao aprendizado — o commercio. A generalidade entende, erralissimamente, que o Instituto Profissional deve ser uma fonte de renda, julgando-se do seu merecimento, progresso e direção pela renda que dá, desviando-se do seu fim, progresso, essencial e intellectual, acorrendo a sua lenta transformação num mero ajuntamento de officinas diversas, visando sómente o lucro; disso resulta que não será nem uma escola nem um estabelecimento commercial - industrial. Que se faça em cada anno, antes da época dos exames, executados em concurso ou premiados, uma exposição de todos esses trabalhos, producto intellectual dos novos operarios, separando os melhores, que farão parte do museu escolar. O restante, então, poderá ser posto á venda, cuja importancia, retiradas as despesas, será opportunamente distribuida entre os alumnos que os executarem. Nada pois de encomendas que mercantillem o espirito, que o prende, embotando-o para as deliciaes e caracteristicas da Arte.

Um ou dois annos antes de terminar o seu curso, o mestre do ensino tecnico, que será o director, deverá illustrar o espirito dos educandos, quasi homens, com tudo que se relacione com a historia da arte. Esta terá como corollario obrigatorio a composição decorativa. Conhecer os estylos não basta para se ter um estylo. Para se chegar a este estado de perfeição, ao qual tem o direito e o dever de aspirar, faz-se preciso sacudir desde já o pó das épocas atrezadas; é necessario que cada um seja SI PROPRIO.

A grande Arte Nacional está entregue á Mocidade Brasileira, que tem sabido e saberá eleval-a ao apogeu da Verdade, do Sentimento e da Originalidade. Falta-nos, porém, a nossa Arte Applicada; aos nossos operarios compete nacionalizal-a.

